



**CRISTIANISMO E A DIMENSÃO SOCIAL:
Engajamento Cristão na Sociedade Civil**

**RIO DE JANEIRO
2018**

FERNANDO DARIO BISPO

CRISTIANISMO E A DIMENSÃO SOCIAL

Engajamento Cristão na Sociedade Civil

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Teologia do
Centro Universitário de Maringá
(UNICESUMAR).

RIO DE JANEIRO

2018

Ao autor da Vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à pessoa que conhece todo o meu ser, as minhas palavras antes que elas cheguem a minha boca, o meu deitar e o meu levantar. Ele de quem não tenho como me esconder, e diante de quem todas as minhas vitórias e falhas não estão encobertas. Ele que me ama incondicionalmente, e que me permite chamá-lo de Pai. Nele encontro minha identidade, e a ele devoto cada detalhe da minha existência.

Geovanna, que encarna o amor de Deus por mim.

Dona Cristina, Érica e Felipe. Que conhecem minha humanidade.

Povo da Cru, é um prazer servir com vocês.

Venha o teu Reino, seja feita a tua vontade na terra, como no céu. (BÍBLIA, 2002. p. 1713. Mateus 6.10)

RESUMO

O presente texto apresenta uma reflexão sobre o Reino de Deus e o seu alcance a todas as coisas. A cosmovisão cristã transcende o espaço religioso e pode contribuir com aportes significativos para a sociedade civil, sobretudo com valores. Entretanto, percebe-se que o engajamento social nem sempre acontece como consequência da fé. Quando lideranças religiosas agem intencionalmente provocando a reflexão, aprofundando o significado e ilustrando esse conceito através de palavras e ações, torna-se possível a geração de indivíduos e instituições com relevância social. Tanto a perspectiva católica quanto a protestante tem buscado e afirmado a transcendência do Reino de Deus. O trabalho conclui apresentando princípios que podem ajudar cristãos e comunidades locais a manter uma perspectiva bíblica, saudável e efetiva de participação social.

Palavras-chave: Reino de Deus. Valores Cristãos. Engajamento Social.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se baseia na compreensão sobre o Reino de Deus e do impacto que ele pode gerar na vida cotidiana dos cristãos e da igreja para o engajamento e mobilização social, enfatizando que valores cristãos podem ser relevantes para a sociedade civil.

A Igreja precisa rever sua eclesiologia e até mesmo sua soteriologia; questionar sua forma de ser igreja e aprofundar o conceito de salvação. Essa revisão teológica sobre o impacto social da igreja visa incentivar uma praxis de vida cristã baseada no amor e que leva ao engajamento social, sem se afastar da devoção e da vida piedosa. E além disso, tem o potencial de produzir uma aproximação entre diferentes segmentos do movimento cristão mundial, uma vez que pensamentos semelhantes tem surgido em várias partes.

A primeira parte consiste em uma reflexão bíblica sobre o Reino de Deus e sua abrangência, e como a Igreja, como representante do Reino de Deus, tem papel central no engajamento social. Em seguida será apresentada a dimensão social da Igreja. Serão brevemente apresentadas reflexões das experiências do catolicismo na América Latina, e do protestantismo nos Estados Unidos, respectivamente. Veremos que quanto maior for a transcendência da fé dos limites religiosos, maior será a possibilidade de contribuição para a sociedade civil. Apresentaremos, brevemente também, perspectivas Católica e Protestante sobre o tema, demonstrando que o engajamento civil e a responsabilidade social são consequências do pensamento e da prática de vida cristã.

A conclusão apresentará princípios orientadores apreendidos ao longo da pesquisa, que ajudam cristãos e comunidades locais a manter uma perspectiva bíblica, saudável e efetiva de participação social.

2 O REINO DE DEUS

O Reino de Deus é central na pregação de Jesus. Quando ele inicia seu ministério, a mensagem básica que Ele anuncia é a chegada deste Reino. Essa expressão é assimilada e reproduzida pelos discípulos, sendo usada por Pedro, Paulo e João em suas cartas. E uma característica interessante é que a expressão é utilizada

nas Escrituras com significados diferentes. Algumas vezes com características restritas ao tempo vindouro, com alusão ao céu e à eternidade, outras vezes com afirmações espirituais sobre os discípulos de Jesus. Mas todas elas afirmando que o Reino de Deus é o espaço/domínio onde a vontade de Deus é manifesta.

Nesse sentido, a oração dominical traz uma síntese, quando apresenta duas expressões justapostas: “Venha o Teu Reino; Seja feita a Tua Vontade”. Assim, o Reino de Deus é um Reino sem fronteiras físicas, que se torna real em todos os lugares onde a Sua vontade é feita.

As Escrituras apresentam a Deus como um Rei eterno cujo domínio e soberania é sobre todas as coisas; céus e terra. Percebe-se uma clara ênfase de que nada foge ao interesse de Deus. O Salmo 103 afirma que “Yahweh firmou no céu o seu trono, e sua realeza governa o universo.” (BÍBLIA,2002. p.971. Salmo 103.19)

Assim, o Reino de Deus se manifesta quando uma pessoa se submete a vontade de Deus; sendo esse um ato pessoal. Mas também se manifesta quando a vontade de Deus tem lugar no mundo; sendo isso um ato impessoal, com abrangência a áreas de influência da sociedade. Isso tem implicações espirituais, pois estar no Reino de Deus é ser liberto do Reino das Trevas e implicações práticas, pois a busca do Reino de Deus (a busca pela vontade de Deus), envolve transformar a maneira de pensar e apresentar o próprio corpo para manifestar a vontade de Deus, com materialidade e objetividade.

O Reino de Deus é uma realidade vindoura, que se manifestará na volta de Cristo, e seu domínio pleno sobre toda a existência; o Reino de Deus é uma realidade presente na vida do discípulo de Cristo que se submete a Deus cotidianamente; e o Reino de Deus é uma realidade em construção, na medida em que a vontade de Deus é manifesta na vida e nos relacionamentos, como um ideal divino de sociedade.

O Reino de Deus está acima dos rótulos denominacionais e tem impacto real no mundo. A causa do Evangelho é profunda. O Amor de Deus pela humanidade concede dignidade infinita a cada ser. A Redenção dada por Jesus redime o homem não apenas do pecado, mas de todas as suas relações perniciosas. O Espírito Santo conduz o homem a uma nova vida, baseada numa nova perspectiva, tocando toda a existência.

Podemos identificar essa percepção no texto de Isaías 61, que nos apresenta os propósitos do messias e a consequente atuação do seu povo.

O espírito do Senhor lahweh está sobre mim; porque o lahweh me ungiu: enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade dos cativos, a libertação aos que estão presos, a proclamar um ano aceitável a lahweh e um dia de vingança do nosso Deus, a fim de consolar todos os enlutados (a fim de pôr aos enlutados de Sião...), a fim de dar-lhes um diadema em lugar de cinza e óleo de alegria em lugar de luto, veste festiva em lugar de espírito abatido. Chamar-lhe-ão terebentinos de justiça, plantação de lahweh para a sua glória. Eles reedificarão as ruínas antigas, recuperarão as regiões despovoadas de outrora; repartirão as cidades devastadas, as regiões que ficaram despovoadas por muitas gerações. (BÍBLIA, 2002. p.1352. Isaías 61.1-4)

O Messias tem o propósito de pregar a boa-nova do Reino de Deus aos pobres, curar os de coração quebrantado, libertar os cativos, aliviar os oprimidos e dar vista aos cegos. Sião, alvo de seu ministério, representando todos dos redimidos, se tornam árvores de justiça, e trabalham na edificação, restauração e renovação do mundo. Podemos dizer que as pessoas que são curadas pelo messias, se tornam trabalhadores na reconstrução das cidades e lugares assolados. A ação messiânica tem efeito imediato nos indivíduos, mas tem consequência na ação desses indivíduos nos lugares onde eles estão. Com isso, podemos questionar como seria uma eclesiologia com relevância social. A Igreja, ou a comunidade das pessoas que foram alvo do Messias, é mais do que um grupo religioso.

Frank Viola afirma:

O corpo de Cristo não é apenas chamado a construir comunidades locais que servem de projetos-piloto do novo céu e da nova terra; mas também a ser agente de cura redentiva para este mundo caído. A Igreja é chamada para cumprir a promessa abraâmica de ser bênção para todas as nações. Em todas essas coisas, a oração do Senhor para que a vontade de Deus seja feita “assim na terra como nos céus” ganha expressão concreta através da igreja. (VIOLA, 2009. p.146)

A Igreja, Corpo Universal de Cristo, é expressão do Reino de Deus, uma vez que seus membros estão buscando conhecer e viver a vontade de Deus. E devem fazê-lo dentro e fora dos espaços religiosos.

3 A IGREJA E SUA DIMENSÃO SOCIAL

Com essa compreensão de que a Igreja é expressão do Reino de Deus, abrangendo todas as esferas da vida, podemos iniciar uma discussão sobre a sua dimensão social, uma vez que a religião passaria a transcender seu espaço religioso.

Ângela Paiva (2003), doutora em sociologia, analisando comparativamente a influência do puritanismo nos Estados Unidos e do catolicismo no Brasil, diz que a compreensão da transcendência poderia levar o fiel a um real engajamento social, uma vez que questões sociais passariam a ser percebidas como questões com implicações religiosas, produzindo um evangelho social.

Em seu trabalho, ela apresenta o surgimento de um “Evangelho Social” nos Estados Unidos, ganhando forma após a Guerra Civil. Esse movimento é fruto de reflexões que tem por fundamento a teologia puritana. A pesquisadora descreve esse fenômeno:

O que cumpre destacar nesse período é a guinada em direção a um envolvimento crescente da esfera religiosa nas questões sociais, pois estas questões passam a ter uma dimensão moral. Passa então a ser possível a *transcendência* da prática religiosa do *ethos* protestante: a nova obrigação moral requer o envolvimento do cristão com as “coisas mundanas” porque somente na sua experiência histórica é possível atingir a salvação, trazendo consequências profundas no que concerne ao envolvimento do protestante na esfera social. (PAIVA, 2003. p.60, grifo do autor)

Paralelamente, Paiva demonstra como o catolicismo brasileiro do século XIX, praticou uma “sociologia da falta”, através do padroado¹, comprovando que a religiosidade da época cultivava a formalidade das cerimônias e mantinha o fiel afastado, impedindo transcendência da religião à cotidianidade a vida (PAIVA, 2003). Ela lista as ausências da religiosidade do contexto:

(...) faltaram valores profundos que orientassem para um determinado tipo de ação social; faltou uma prática religiosa que levasse o fiel à maior inserção no mundo; faltou ainda uma tradição de questionamento religioso a respeito das possíveis incongruências entre valores cristãos genuínos e práticas sociais injustas; e faltou autonomia para que pudesse ser empreendida qualquer ação que

¹ Regime no qual o Papa delegou ao Rei de Portugal autoridade sobre a Igreja nos territórios portugueses, mas garantia que os territórios seriam católicos.

levasse a um movimento de apelação às leis superiores face à injustiça das leis vigentes. (PAIVA, 2003. p.85)

Os exemplos apresentados por Paiva deixam evidentes que quando a mensagem e a prática cristã transcendem os espaços religiosos, a comunidade cristã passa a ter muito para oferecer para a construção da sociedade. Temos assim, um exemplo prático de como a transcendência, isto é, a materialização dos conceitos do religiosos pode ter relevância social. O estudo conclui:

Esse é certamente o ponto fundamental da questão: na medida em que a transcendência passa a ser o fundamento, e os valores cristãos passam a reger a conduta na esfera mais ampla, ela passa a ser o motivo para a ação social, agora orientada por valor. (PAIVA, 2003. p.220)

Isso levaria a uma ampliação da visão de mundo religiosa, e o exercício da cidadania passaria a ser o fundamento da própria prática religiosa (PAIVA, 2003). Troca-se a ausência pela presença. O engajamento social seria concebido e vivido como expressão da fé.

Acredito que esses tem sido os esforços dos teólogos da Missão Integral, na linha protestante, e também de reflexões católicas. Sem entrar em questões de ortodoxia, pensar e propor uma ortopraxia que mobilize os cristãos para a transcendência. Afinal, isso é o Reino de Deus, como apresentamos no começo deste trabalho: integrar toda a vida sob a perspectiva de que Deus está em todos os lugares, e que deseja manifestar sua vontade.

Percebe-se que apenas o discurso teológico ou a participação nos ritos cúlticos não são suficientes para mobilizar o fiel para o engajamento social. Essa prática religiosa precisa ser questionada, e encarnada. Uma vez compreendida a importância da transcendência, temos que trabalhar para torná-la prática, e imaginar como a eclesiologia poderia ser construída para valorizá-la.

Apresenta-se abaixo amostras do pensamento católico e protestante sobre o tema, e uma perspectiva prática:

A) PERSPECTIVA CATÓLICA

O Papa Francisco (2013), falando sobre a Alegria do Evangelho, apresenta uma excelente perspectiva sobre a abrangência do Reino de Deus e sua relação com a evangelização e sociedade:

O Reino, que se antecipa e cresce entre nós, abrange tudo, como nos recorda aquele princípio de discernimento que Paulo VI propunha a propósito do verdadeiro desenvolvimento: “Todos os homens e o homem todo”. Sabemos que a evangelização não seria completa, se ela não tomasse em consideração a interpolação recíproca que se fazem constantemente o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, dos homens. É o critério da universalidade, próprio da dinâmica do Evangelho, dado que o Pai quer que todos os homens se salvem; e o seu plano de salvação consiste em submeter tudo a Cristo, reunindo n’Ele o que há no céu e na terra (Ef 1.10). O Mandato é: Ide pelo mundo inteiro, e proclamar o Evangelho a toda Criatura (Mc 16.15), porque toda a criação se encontra em expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus. (Rm 8.19). Toda a criação significa também todos os aspectos da vida humana, de tal modo que a missão do anúncio da Boa nova de Jesus tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho. A verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico, gera sempre história. (FRANCISCO, 2013.p.149)

Se a esperança gera história, consideramos que a fé tem impacto na vida cotidiana, evidenciando a transcendência da religiosidade.

A exortação apostólica ainda elenca preocupações com diversas áreas da sociedade, prestando especial atenção aos pobres e a questão da paz e do diálogo social. Talvez essas devessem ser as grandes causas de *advocacy* do movimento cristão mundial. Percebemos na exortação apostólica que tais ações são parte integrantes da evangelização, e não anexos a ela.

A exortação encerra propondo quatro princípios gerais para avançar na construção de um povo em paz, justiça e fraternidade:

- a) *O tempo é superior ao espaço.* Propondo que as ações sociais tenham uma perspectiva mais ampla, sem a obsessão de resultados imediatos, suportando tempos difíceis e mudanças de planos que a realidade impõe. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes. Ele trabalha esse princípio com base na parábola do joio e do trigo, que ocupam o mesmo espaço, mas são separados no devido tempo.
- b) *A unidade prevalece sobre o conflito.* Nesse ponto, de maneira muito humana, ele propõe aceitar a existência do conflito, ao invés de negá-lo. Ele defende uma comunhão nas diferenças, construída por pessoas capazes de ultrapassar a superficialidade do conflito, reconhecendo a dignidade do

outro, por mais diferente e oposto que seja. Ele lembra do sermão do monte: Bem aventurado os pacificadores.

- c) *A realidade é mais importante do que a ideia.* Cristo é a Palavra encarnada, e o trabalho dos Santos é inculturar o Evangelho na vida dos povos.

(...) A ideia desligada da realidade dá origem a idealismos e nominalismos ineficazes que, no máximo, classificam ou definem, mas não empenham. O que empenha é a realidade iluminada pelo raciocínio. É preciso passar do nominalismo formal a objetividade harmoniosa. Caso contrário, manipula-se a verdade, do mesmo modo que se substitui a ginástica pela cosmética. (FRANCISCO, 2013. p.183)

- d) *O todo é superior à parte.* Ele compreende a contribuição de cada indivíduo e das peculiaridades do local, incluindo a percepção de que cada parte contribui para o todo, e o bem maior é o que traz benefícios a todos. Ele lembra que o Evangelho é com fermento que leveda toda a massa.

(...) O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantém sua originalidade. Tanto a ação pastoral como a ação política procuram reunir no poliedro o melhor de cada um. (...) é a união dos povos, que, na ordem universal, conservam sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoa numa sociedade que procura o bem comum que verdadeiramente incorpore a todos. (FRANCISCO, 2013. p.186)

Dessa maneira, notamos que dentro dos ambientes católicos há uma preocupação com a transcendência da fé, e uma busca para que a Igreja seja mais relevante na sociedade, em especial com a ascensão do Papa Francisco. E chama nossa atenção a referência que ele faz ao Papa Paulo VI, no uso da expressão “todos os homens, e o homem todo”, em 1967. Uma expressão que lembra o mote da Teologia da Missão integral, anterior ao congresso de Lausanne.

B) PERSPECTIVA PROTESTANTE

Há um crescimento sobre essa perspectiva da transcendência da fé dos espaços religiosos protestantes devido ao aprofundamento de reflexões da Teologia Missão Integral. Essa reflexão vem se aprofundando nas últimas décadas, em especial na América Latina, com o objetivo de integrar discurso e prática cristã. Por isso, muitos não a consideram uma nova teologia.

No início, esse movimento foi muito questionado por linhas evangélicas mais conservadoras. Para elas, a ênfase precisaria estar na proclamação oral do evangelho, e os outros aspectos da missão cristã, como responsabilidade social, compaixão, e ações sociais ficariam em segundo plano. Contudo, é crescente a percepção de que ambos lados (palavra e ação) são inseparáveis, como ressalta René Padilla (2009. p.53) , um dos principais expoentes do pensamento da Missão Integral, refletindo sobre a prática da missão: “O Kerigma é inseparável tanto da diaconia como da koinonia”.

Nessa perspectiva, a vida cristã que se apreende das escrituras não é uma vida baseada no discurso, e ser um discípulo de Jesus não pode se resumir a concordar com uma declaração doutrinária. É preciso integrar a vida, como afirma Padilha:

(...) o que falta são, em poucas palavras, pessoas cuja vida pessoal e comunitária estejam genuinamente orientadas para o reino de Deus e sua justiça. Pessoas que creem que o propósito de Deus é unir todas as coisas sob a autoridade de Cristo e que definem o significado de sua própria existência à luz desse propósito. Pessoas cujas palavras e ações são coerentes com a confissão de fé no Messias crucificado. (PADILHA, 2009. p.53. Grifo do autor.)

Sabemos, contudo, que para que a prática da transcendência seja adotada pelas igrejas, se faz necessário exemplos e referências teóricos e práticos, que inspirem e motivem tais ações. Padilla elenca princípios extraídos dos evangelhos que servem como uma declaração social cristã:

1. A vida do homem não consiste somente na satisfação de suas necessidades biológicas , mas também em realizar em si o propósito divino;
2. A pessoa humana é de supremo valor na vida social e, conseqüentemente não deve ser usada como um “simples instrumento de produção, um animal de carga, uma fonte de exploração;
3. As relações humanas se baseiam na fraternidade, em uma solidariedade que transcende as barreiras de raça, nação ou classe social;
4. A vida social requer cooperação em vez de conflito e concorrência, razão pela qual o lucro deve ser substituído pelo serviço e pelo bem estar comum;
5. A doutrina cristã sobre a propriedade não é a da propriedade privada, mas sim a da mordomia, de maneira que os bens devem ser adquiridos com justiça e usados para o bem da sociedade;
6. Todas as vocações têm uma dignidade que se encontra no serviço a Deus e ao próximo;

7. A liberdade, concebida como “liberdade para realizar nossa vocação e responder ao propósito divino”, é uma condição indispensável para uma ordem social justa;
8. O amor é a lei suprema da vida; ele está ligado à paixão pela justiça social;
9. A paz é a consequência da justiça e por isso “a melhor maneira de trabalhar pela paz é trabalhar pela justiça”. PADILLHA, 2009.p. 53)

C) PERSPECTIVA PRÁTICA

Algumas pessoas e organizações tem sido proativas na demonstração de que é possível transcender o espaço religioso, e ganhar as ruas, mobilizando pessoas dentro e fora da Igreja. Carlos Alberto Bezerra Jr, médico, pastor, ativista social, deputado estadual e presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, é um exemplo disso. Recentemente, ele publicou uma obra sobre espiritualidade e política, contando sua experiência e demonstrando suas convicções. Nesta obra ele lista algumas iniciativas que se tornaram conhecidas no país, e algumas até no exterior. Dentre elas estão a ONG Rio de Paz, presidida pelo Rev. Antônio Carlos Costa, que através de atos públicos, chama atenção da sociedade para os índices de violência no Rio de Janeiro; Casa de Maria e Marta, dirigida por Ediméia Williams, projeto que tem como foco crianças em situação de vulnerabilidade no morro Dona Marta; E o SP Invisível, um projeto de jovens da Igreja Batista de Água Branca, que busca dar voz a população de rua da cidade de São Paulo. (Bezerra, 2018). Assim, ele demonstra que é possível a transcendência, e mais do que isso, a internalização e integração dos valores do Reino de Deus na Igreja, resultando em engajamento e mobilização social.

Quase no final de seu livro, Bezerra compartilha um pouco de sua visão para a igreja:

O que quero conservar e reanimar? Uma igreja que tenha a vida de Jesus Cristo como referencial e dedicada ao serviço e às pessoas. Gente que busque viabilizar quantos movimentos, iniciativas e projetos forem necessários para se tornar relevante na história, sendo um sinal vivo e concreto do Reino de Deus no mundo. Anseio por um engajamento cristão inserido de maneira crítica, não instrumentalizada e relevante na política e na cultura, sendo sal e luz no meio do mundo, para a redenção e reconciliação de todas as coisas em Cristo. (BEZERRA, 2018. p.127)

Certamente esses exemplos e essa perspectiva nos ajudam a dar os primeiros passos, e estar motivados e inspirados para materializar o Reino de Deus em nosso

cotidiano. Podemos tomar pequenas iniciativas, criar projetos simples, e até mesmo gerar movimentos; independentemente do alcance e tamanho a ação, o essencial para o Corpo de Cristo é que estes estejam alicerçados nos fundamentos do Reino, e motivamos no amor, cuidado e serviço ao próximo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que quando a fé é genuína, e há sincera consideração pelas pessoas a nossa volta, fruto da compreensão do Reino de Deus, o indivíduo poderia ter um papel fundamental no fomento de ações políticas e sociais com real contribuição para a sociedade, e zelo pela preservação de motivações altruístas no processo social. Observamos ainda que as duas linhas cristãs têm declarações doutrinárias e expositores sobre engajamento e prática social como consequência de sua fé. Pode-se notar que as declarações católicas são mais genéricas, fazendo afirmações sobre o coletivo, enquanto as declarações protestantes caminham para a responsabilização do indivíduo. Embora, essencialmente afirmem a mesma coisa. Isso se deve aos pressupostos teológicos de cada linha. Talvez por isso, percebamos, ao menos no contexto brasileiro, uma maior mobilização entre protestantes do que católicos. Sob a ótica protestante, se a salvação é individual, conseqüentemente o engajamento e a colaboração com a manifestação do Reino também, responsabilizando o fiel pessoalmente.

Concluimos com princípios, apreendidos ao longo do presente trabalho, que podem nortear a ação cristã para a sociedade civil:

a) Reconhecer a contribuição da teologia para praticidade da vida, permitindo que os valores e princípios estudados ganhem materialidade em nossa cotidianidade. A maneira como cremos influencia a nossa prática. E se observarmos, o discurso de Jesus se concentra mais em como vivemos a vida do que no que acreditamos ser verdade sobre a vida. Nossa preocupação com a ortodoxia pode paralizar e até mesmo matar nossa ortopraxia.

b) Abandonar expectativas triunfalistas, que consideram o impacto social como consequência inevitável da adesão ao sistema de fé cristão, e adotar uma prática de engajamento e mobilização.

c) Abandonar o discurso nós versus eles, e reconhecer o outro como irmão, e co-igual, apesar das diferenças religiosas e ideológicas. E entender que a ação da

igreja precisa ser a favor das pessoas e não contra elas. E que isso precisa estar demonstrado em nossa prática e discurso, buscando a dignidade do ser humano, justiça e paz social.

d) Abandonar o orgulho de ter todas as respostas. A confiança na verdade do evangelho faz o povo que deveria ser mais humilde agir com vaidade e orgulho. O Movimento Cristão deve permitir-se aprender de outras tradições religiosas, e outras percepções sociais, em especial para crescer em sua prática cristã solidária. Isso também inclui rejeitar respostas simplistas para problemas complexos; e aprender perspectivas acadêmicas sobre temas sociais relevantes.

REFERÊNCIAS

BEZERRA JR, Carlos Alberto. **Fé Cidadã**: Quando a espiritualidade e a política se encontram. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

BIBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**: A Alegria do Evangelho; sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus & Loyola, 2013.

PADILLA, René C. **O que é Missão Integral?** Viçosa: Ultimato, 2009.

PAIVA, Angela. R. **Católico, Protestante, Cidadão**. Uma comparação entre Brasil e Estados Unidos. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

VIOLA, Frank. **Reimaginando a Igreja**. Brasília: Palavra, 2009